

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: _____

Data: 07.06.83 Pg.: _____

**Funai nega intervenção
após conflito dos índios**

Das sucursais

Apesar da insistência dos gaúchos, o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, afastou ontem a possibilidade de uma intervenção do órgão no caso dos índios caigangues, de Guarita, no Rio Grande do Sul. Segundo Leal, é melhor lançar mão de outros métodos para apaziguar os dois grupos liderados pelos caciques Domingos e Ivo: "Seria fácil para a Funai intervir na área, pois o estatuto do índio prevê esta atitude para ser encerrada a luta entre grupos tribais".

O presidente da Funai disse ontem, em Brasília, que seu órgão não foi omissivo no caso de Guarita, já que, em janeiro, dirigentes estiveram na área para analisar de perto o descontentamento existente: "Na ocasião, adotamos uma atitude salomônica, dividindo a área dos caigangues. No entanto, entre os índios, assim como ocorre entre os brancos, sempre ha-

verá os que matam e os que querem mandar".

Já no Rio Grande do Sul, enquanto se formalizava à Funai um novo pedido de intervenção federal nas reservas de Guarita e de São João do Irapuá, nos municípios de Tenente Portela, Miraguaí e Redentora, a mais de 500 quilômetros de Porto Alegre, a Polícia Federal iniciava na área o inquérito policial para apurar o massacre de cinco caigangues e ferimentos em mais 13, depois de confronto armado entre os grupos de dois caciques.

Um desarmamento geral poderá começar ainda hoje ou amanhã, mas a presidenta do inquérito, delegada Celi Reicht, já começou a pedir aos primeiros índios ouvidos que entregassem as armas utilizadas. A Brigada Militar, por sua vez, negou que tivesse culpa no conflito, alegando que a Funai é que deve ser responsabilizada.

A delegada, acompanhada do agente Telmo de Lima Freitas, que

morou dois meses na área para observar a mobilização dos índios e teve de sair quando foi descoberto um plano para matá-lo, chegou à reserva de Irapuá por volta das 15 horas, com mais três policiais.

Um dos ouvidos, o cacique Ivo, há algum tempo confessava que possuía uma arma e prontificou-se em dar os nomes de todos os índios que tivessem revólveres ou espingardas. Além de Ivo, outra autoridade indígena importante foi ouvida ontem pela delegada: o major Laurindo Emílio, que teria comandado a marcha da reserva Sul, do Irapuá, contra a do Norte, de Guarita. No choque é que morreram os cinco índios, todos do Sul.

No Acre, cerca de 20 índios de várias tribos ocuparam ontem a sede da ajudância da Funai, protestando contra a demissão do chefe do órgão, médico Oswaldo Cid Nunes da Cunha, determinada pelo presidente da Funai, Paulo Moreira Leal.